

## UM PASSEIO PELA ÁFRICA AO ENCONTRO DOS NOSSOS ANTEPASSADOS

Lucilene Reginaldo<sup>1</sup>  

Universidade Estadual de Campinas

“Conhecer a África. Uma parte da África. Não viemos caçar leões, nem em busca de cidades perdidas, das minas do rei Salomão, das nascentes de um rio ou de aventuras. Viemos simplesmente ver como é a África, conhecer as terras de parte dos nossos antepassados”.

**A**s palavras que me servem de epígrafe são do livro *Um passeio pela África* (2006, 80 páginas), do saudoso Alberto da Costa e Silva.<sup>2</sup> O trecho é parte de um diálogo entre dois personagens, o garoto Inácio e o *oni* (mandatário) de Ifé, curioso diante de três adolescentes brasileiros (dois meninos e uma menina) a passeio na cidade sagrada dos iorubás.<sup>3</sup> A resposta de Inácio é categórica, tanto pela negativa enfática quanto pela afirmativa segura, e parece-me uma boa síntese do propósito do livro: apresentar aos leitores uma parte da África, enfatizando o ponto de vista africano em detrimento de uma visão exterior/colonial, a fim de evidenciar o que a distingue histórica e culturalmente, mas também para valorizar sua proximidade e estreitas conexões com o Brasil, temas recorrentes da obra do escritor.

O livro foi publicado em 2006, três anos após a promulgação da lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira – incluindo o estudo da História da África e dos africanos – nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, públicos e particulares, de todo o país. A lei resultou de uma demanda histórica dos

1 Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

2 Alberto da Costa e Silva, *Um passeio pela África*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

3 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 31.

movimentos negros brasileiros, que desde o final dos anos de 1980 buscaram interferir na formulação de políticas públicas voltadas para a educação, tanto no âmbito federal quanto nos estados e municípios. A pauta em torno da educação já estava presente no Programa de Ação do Movimento Negro Unificado, aprovado em 1982, em Belo Horizonte, mas foi ganhando força e iniciativas mais propositivas a partir da década seguinte.<sup>4</sup> O que resultou dessa agenda política foi uma sequência de políticas educacionais, sem dúvida inéditas, voltadas para o combate ao racismo: a introdução da história africana e dos afro-brasileiros nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1996; na promulgação da lei 10.639, em 2003, como já dito; e na aprovação das Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, em 2004.<sup>5</sup> *Um passeio pela África* foi o primeiro livro de Alberto da Costa e Silva voltado ao público infante-juvenil e, por isso, ainda é visto como inusitado no conjunto de sua obra. Mas considerando o contexto de sua publicação, o inusitado faz todo o sentido. Três outros livros de Costa Silva dedicados à história da África e às relações do continente com o Brasil, publicados ou reeditados no mesmo contexto, tinham se tornado referência imprescindível nas disciplinas recém introduzidas (por força da lei de 2003) nos cursos de graduação em História: *A enxada e a lança*, que teve sua primeira edição em 1992 e foi reeditado em 2006; *A Manilha e o libambo*, publicado em 2002 e reeditado em 2004; *Um rio chamado Atlântico*, cuja primeira edição

---

4 Luiz Alberto Oliveira Gonçalves e Petronilha Beatriz Gonçalves Silva, “Movimento negro e educação”, *Revista Brasileira de Educação*, n. 15 (2000), p. 151, [↗](#).

5 Sobre a atuação dos movimentos negros nas políticas públicas voltadas para a educação e o debate em torno da elaboração e implementação dos marcos legais, ver, entre outros, Amílcar A. Pereira, “Por uma autêntica democracia racial!: os movimentos negros nas escolas e nos currículos de história”, *Revista História Hoje*, v. 1, n. 1 (2012), pp. 111-128, ; Hebe Maria Matos e Martha Abreu, “Em torno das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas: uma conversa com historiadores”, *Revista Estudos Históricos*, v. 21, n. 41 (2008), pp. 5-20, [↗](#); Beatriz Soares Benedito, Suelaine Carneiro e Tânia Portella (orgs.) *Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*, São Paulo: Instituto Alana, 2023.

foi precisamente em 2003, e a segunda em 2005. É evidente que as três obras subsidiaram a construção da narrativa de *Um passeio pela África*. E é bem possível que, antenado como era, o embaixador tenha considerado dar sua contribuição ao ensino de História da África também às crianças e aos jovens escolares, uma vez que a carência de materiais didáticos era reclamação constante de gestores e educadores, sendo apontada como uma das principais dificuldades iniciais para a implementação daquela lei.

Passadas duas décadas, apesar dos inúmeros problemas (antigos e novos) que têm dificultado a implementação da legislação, os avanços na produção de materiais e instrumentos didáticos foram significativos, e hoje, certamente, há um conjunto numeroso e diverso de títulos disponível em diferentes formatos e plataformas, além dos tradicionais impressos. Mas, mesmo assim, quero crer que *Um passeio pela África* ainda é uma contribuição singular para o ensino de história de África. Por várias razões, a começar pela incomparável erudição e capacidade de síntese do autor, capaz de oferecer informações, à luz de um vasto conhecimento bibliográfico, sobre distintas regiões da África atlântica. E assim o faz ao largo de qualquer simplismo! Também merece destaque a escrita didática, mas nem por isso menos elegante e carregada de marcas poéticas. Se isso não bastasse, *Um passeio pela África* tem o mérito de atender o objetivo principal de introduzir a disciplina no ensino escolar: a valorização do passado africano, com vistas ao reconhecimento de sua importância para a formação da nação brasileira, como um instrumento de combate às desigualdades raciais.

Na esperança de convencer o leitor das potencialidades do livro para o ensino de história da África nos níveis básicos, ao invés de seguir o roteiro do passeio dos primos Zezinha, Gustavo e Inácio, vou “passear” por alguns temas e abordagens da história africana que informam e conduzem a narrativa infanto-juvenil. Essa opção, entre outras vantagens, preserva as surpresas da narrativa aos futuros leitores.

## Conhecer a África

A narrativa de *Um passeio pela África*, construída a partir da perspectiva de três adolescentes (Zezinha, Gustavo e Inácio), primos e vizinhos levados pelo tio da menina para conhecer a África, está dividida em onze capítulos. Cada um deles aborda um país e/ou região da África atlântica visitada pelo grupo, à exceção do último, que tem uma rápida passagem (surpresa do final da viagem) por um país da costa oriental. Considerando a divisão geográfica moderna, os estados nacionais visitados pelo grupo são: Mali, Nigéria, Angola, Guiné-Bissau, Guiné (conhecida como Guiné-Conacri), Gana e Quênia. Sobre cada localidade visitada, a narrativa oferece informações da respectiva história, geografia e atualidades, enfatizando um ou outro aspecto como gancho para tratar temas específicos de forma mais aprofundada. Entretanto, alguns são recorrentes e retornam em vários cenários, indicando os horizontes historiográficos, os interesses e perspectivas políticas do autor e, evidentemente, o que o próprio denomina de “insistência com certos assuntos e personagens” que durante décadas provocaram sua curiosidade.<sup>6</sup>

A relação dos africanos com a paisagem, melhor dizendo, o conhecimento acumulado e a relação com a natureza supostamente inóspita no imaginário ocidental – África como o “túmulo do homem branco” – dá início ao passeio. E como não lembrar do magnífico capítulo primeiro de *A enxada e a lança*, intitulado “A paisagem e o homem”? A história começa com as crianças atravessando o deserto do Saara em uma enorme caravana guiada por tuaregues. “Orientavam-se pelas estrelas e por acidentes do terreno que só eles percebiam”.<sup>7</sup> A admiração pelos guias imponentes, armados de sabres e espingardas, e que vestiam longas túnicas azuis e turbantes para se proteger do sol que queimava de dia e do terrível frio noturno, toma o centro da narrativa.

---

6 Alberto da Costa e Silva, *Um rio chamado Atlântico*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, p. 8.

7 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 5.

Admiração semelhante sentiram os adolescentes pelos habitantes da Ilha de Bijagós, na costa da Guiné-Bissau. Exímios construtores de canoas que “podiam ter mais de 20 metros de comprimento e levar 70 homens”, desde tempos imemoriais, os bijagós navegavam em alto mar, sem velas, apenas com força dos remos. Nos dois “encontros”, o reconhecimento e a admiração pelos africanos não esconderam as tensões sociais constituintes daquelas sociedades: o domínio dos tuaregues sobre seus servos (*haratins*) que viviam e trabalhavam nos oásis; e a prática de pirataria entre os bijagós que acabaram se tornando “caçadores de gente” para o tráfico atlântico.<sup>8</sup> Tuaregues e bijagós são dignos de admiração pelos seus conhecimentos, coragem e imponência, mas não eram santos, nem demônios. Eram apenas humanos.

As religiões, ou melhor, a diversidade religiosa do continente, são outro tema recorrente na narrativa do passeio. Na chegada da caravana (a que vinha guiada pelos tuaregues) à beira do Níger, os viajantes se depararam com Tombuctu, com suas “casas de um, dois, três andares, cobertas por um terraço com poucas janelas [...], torres altas, em forma de pirâmide truncadas, a cortar a monotonia de seu perfil”.<sup>9</sup> Guiados por Ibrahin, professor de uma escola local, aprendem que a cidade foi um centro de formação mulçumana e ficam sabendo da impressionante peregrinação de Mansa Musa (imperador do Mali) a Meca em 1324. O islã na África e nas Américas é um dos tais assuntos persistentes na obra de Costa e Silva.

Na Nigéria, os brasileiros foram apresentados ao mito de criação iorubá, origem da autoridade do *oni* de Ifé, do primeiro obá ou rei do Benim e do primeiro *alafin* de Oió. Autoridades que sobreviveram ao colonialismo e, deste lado do Atlântico, são lembradas e referenciadas nos candomblés da Bahia. O *oní*, aliás, confessa ao grupo sua vontade

---

8 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, pp. 6; 65.

9 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 11.

de conhecer a Bahia, e até mesmo comprar uma casa para passar alguns meses junto ao “seu povo que lá vive”.<sup>10</sup>

O guia dos pequenos em Angola, Afonso, faz questão de dizer que seu nome remete ao do rei do Congo Afonso I, que no século XVI se converteu ao catolicismo, sendo igualmente um entusiasta da adoção de vários costumes europeus, entre eles, o aprendizado da leitura e da escrita em português. Mas o cristianismo no Congo não foi apenas uma religião das elites políticas, ele se disseminou entre a população de forma impressionante, e os pequenos ficaram sabendo que isso “se deveu mais à dedicação dos catequistas locais do que aos missionários europeus”.<sup>11</sup>

A propósito de mansas e reis, o tema das instituições e autoridades políticas é outro que atravessa a narrativa do passeio, assim como a obra de Costa e Silva. O tema, que teve lugar de destaque na moderna historiografia africana desde os seus primórdios, por motivos semelhantes também foi privilegiado nos manuais de ensino de história da África no Brasil. Afinal, a afirmação da história dos grandes reinos e impérios, a exemplo do Mali, Songai e Gana, foi uma forma de a primeira geração dos historiadores nacionalistas enfrentarem as teorias racistas e colonialistas que negavam a existência de civilizações “avançadas” no continente africano.

Costa e Silva deixa transparecer alguns aspectos desse debate. Por exemplo, ele não abre mão do efeito didático da comparação/equiparação com a Europa, mas faz questão de demarcar as singularidades do poder na África. Assim, reconhecer que os songais “dominavam tão bem as técnicas da cavalaria pesada quanto os cavaleiros da Idade Média europeia” é tão central quanto o registro da importância do tamborete de ouro para os axantes, que o consideravam “um ser vivo”, não um objeto inanimado.<sup>12</sup>

---

10 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 30. O desejo manifestado na ficção foi “realizado” em 2023. 

11 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 38. Sobre o papel dos catequistas na expansão do cristianismo na África central, ver: Marina de Mello e Souza, “Catolicismo e poder no Congo: o papel dos intermediários nativos, séculos XVI a XVIII”, *Anos 90*, v. 21, n. 40 (2014), pp. 51-63, .

12 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, pp. 18; 57. Atualizações e revisões críticas do debate sobre a “Idade Média africana” podem ser encontradas em François-Xavier

A relevância do islã na organização social e política africana é destacada em vários cenários: da história dos grandes impérios da “Idade Média africana”, passando pela imponente cidade haussá de Kano, à ascensão e ocaso do califado de Socoto. Mas apesar disso, ao tratar das cidades comerciais no Sael, Costa e Silva corrobora as teses que argumentam em favor de uma dinâmica comercial endógena nas franjas do Saara, anterior e no contexto da presença dos comerciantes islâmicos.<sup>13</sup>

O passeio, entretanto, não fica circunscrito ao passado dos grandes reinos, estados, impérios e cidades comerciais. E, decididamente, estas não são as únicas experiências de organização da vida coletiva que atestam a criatividade política e econômica das sociedades africanas.<sup>14</sup> Como ensina Babatunde, o guia dos meninos na terra dos iorubás, as sociedades cuja organização foi forjada sem hierarquias centralizadas ou dinâmicas de acumulação de riquezas receberam “menos atenção dos estudiosos do que os grandes impérios”.<sup>15</sup> Considerando essa perspectiva crítica, entende-se melhor porque sãs, coicóis e pigmeus mereceram um capítulo especial no passeio pela África.

Em Angola, no deserto de Mossâmedes, os jovens viajantes conheceram os bosquímanos, também chamados sãs, caçadores nômades, “outrora senhores das savanas. Hostilizados pelos negros, depois pelos brancos. Expelidos para as franjas do deserto, para as terras mais ingratas e mais áridas”.<sup>16</sup> A partir de então, a narrativa passa a contemplar povos semelhantes aos sãs: coicóis (chamados hotentotes pelos colonizadores da África do Sul), e os chamados pigmeus (batwa), que vivem desde tempos

---

Fauvelle, *O rinoceronte de ouro: histórias da Idade Média Africana*, São Paulo: EDUSP, 2018; Rivair Macedo, *Antigas sociedades da África negra*, São Paulo: Contexto, 2021.

13 Paulo F. de M. Farias, “Comércio mudo: mito e evidência histórica”, *Afro-Ásia*, n. 61 (2020), pp. 325-356, .

14 Steven Faierman, “African Histories and the Dissolution of World History” in Robert H. Bates, Valentin Y. Mudimbe, Jean O’Barr (orgs.), *Africa and the Disciplines: The contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities* (Chicago: University of Chicago Press, 1993), p. 179.

15 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 36.

16 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 47.

imemoriais na floresta do Congo. A semelhança não está apenas na baixa estatura característica deste grupo, mas sobretudo no modo de vida tradicional, coletores integrados à natureza (nas savanas e nas florestas), assim como à violência que sofreram (e ainda sofrem) por parte de africanos e antigos colonizadores europeus. A presença destes povos no roteiro do passeio atualiza a questão da diversidade africana (e humana) não apenas do ponto de vista da historiografia, mas também social e politicamente.<sup>17</sup> O reconhecimento da relevância dos povos da floresta para a sobrevivência da espécie humana é uma agenda política global.

No passeio pela África, os jovens apreciam e se encantam com várias tecnologias criadas pelos africanos no passado e no presente, nas sociedades hierarquizadas e nas aldeias governadas pelos mais velhos. Em Kano, cidade-estado hauçá que data do século XV, conhecem os famosos tecidos, roupas feitas, artigos de cobre, latão e prata exportados para regiões muito distantes desde os primórdios da cidade. Nas aldeias às margens do Rio Níger, veem celeiros enormes, “maiores do que as casas do vilarejo, [...], nos quais se guarda o milhete, um cereal de grão pequenino”.<sup>18</sup> Essas verdadeiras obras da engenharia – que apesar de suas dimensões não arrebentam com tamanho e o peso dos grãos – eram feitas por mestres da arte da cerâmica. Na Guiné Conacri, veem em uma aldeia um escultor tradicional que com uma enxada pequenina “tira” belíssimas esculturas da madeira.

As lições ensinadas nesses diferentes momentos da narrativa enfatizam não apenas a inventividade e o domínio das tecnologias, mas também o senso estético dos africanos, outro tema caro ao autor nas suas mais de quatro décadas de estudos e apreciação da história e cultura africanas. No caso particular das esculturas, os jovens ficaram sabendo “que artistas modernos como Picasso, Matisse, Modigliani e Brancusi tiveram

---

17 Sobre a história de discriminação e racialização dos pigmeus (batwa), ver Kairn A. Klieman, *The Pygmies Were Our Compass: Bantu and Batwa in the History of West Central Africa, Early Times to c. 1900 C.E.*, Portsmouth: Heinemann, 2003.

18 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 19.

nos africanos seus grandes mestres”.<sup>19</sup> Igualmente foram ensinados sobre a influência da “música que os africanos criaram nas Américas” sobre a música erudita moderna, como Stravinsky e Villa-Lobos.

Muito embora o passeio privilegie o protagonismo e o ponto de vista dos africanos, aqueles que foram caçar leões, buscar cidades perdidas, nascentes de rios e, claro, riquezas, não poderiam deixar de cruzar o caminho dos viajantes. Mas isso ocorre quase sempre de maneira marginal, ou em contextos de reconhecimento das marcas deixadas pelo colonialismo, de afirmação das resistências africanas e/ou de sua colaboração vital no empreendimento colonial. Afinal, “a história africana não começa com eles [...] nem se move necessariamente num sentido europeu”.<sup>20</sup> Assim, os ingleses e franceses são lembrados para explicar o material da cobertura dos telhados da cidade de Lagos, uma vez que estes europeus eram “interessados em difundir a cobertura com placas de zinco, por eles produzidas”. Os portugueses entram em cena quando o assunto é a postura guerreira dos bijagós que, durante quatro séculos, resistiram ao domínio luso. Sem deixar de reconhecer o imponente do castelo de Elmina, construído pelos portugueses no século XVII “com as mesmas formas, os mesmos materiais e as mesmas técnicas que em Portugal”, a lição que encerra o assunto é a de que “os fortes pagavam tributo, ou uma espécie de aluguel, ao rei da terra”.<sup>21</sup>

## **A terra dos nossos antepassados**

Na Nigéria, os brasileiros são recebidos com muita alegria por aquele que seria seu guia local, Babatunde, um estudante de português na Universidade de Ifé. E, logo de cara, ficaram sabendo que o interesse do jovem nigeriano pelo Brasil advinha das ligações históricas entre os dois

---

19 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 71.

20 Costa e Silva, *Um rio chamado Atlântico*, p. 95.

21 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, pp. 35; 56; 65,

países. Por causa do tráfico de escravizados, segundo o guia, “fora da Nigéria, o Brasil é o país onde vive o maior número de iorubás, que vocês chamam também de nagôs”. Agora dá para entender por que o *oni* de Ifé tinha tanto interesse em conhecer a Bahia e encontrar “o [seu] povo que lá vive”.<sup>22</sup> E, sob vários aspectos, a cidade do outro lado do oceano lhe seria muito familiar!

Nas ruas de Ifé, à semelhança de Salvador, “mulheres sentadas atrás de tabuleiros enrolavam em folhas verdes o abará e fritavam acarajés”. Uma diferença marcante entre as vendedoras de lá e as de cá são as vestimentas. E isso diz muito sobre a história da escravidão e da conquista da liberdade pelas africanas do lado de cá.<sup>23</sup> Enquanto as vendedoras de acarajé da Bahia usavam blusas rendadas, as de Ifé ostentavam vestidos e turbantes coloridos.<sup>24</sup>

Em Lagos, as semelhanças com Salvador, mas também com o Rio de Janeiro, estão cravadas na arquitetura da cidade. O *Brazilian Quarter*, bairro dos retornados “brasileiros”, conta uma história de ligação com o Brasil que vai além do tráfico de escravizados. Ele testemunha o retorno de africanos e seus descendentes que, “libertos, voltaram do Brasil para a África no correr do século XIX”. Os *amarôs* de Gana e os *agudás* do Benim e da Nigéria, ou simplesmente brasileiros, levaram para Lagos e outras partes daquela costa, técnicas de construção portuguesa adaptadas no Brasil. Mas levaram também festas populares (o Bumba Meu Boi), práticas do catolicismo afro-baiano, como a devoção ao Senhor do Bonfim, além de sobrenomes ainda correntes, como da Costa, da Silva, Barbosa, Martins, Assumpção e Rocha.<sup>25</sup>

No passeio por Angola, os jovens conheceram uma outra cidade que também recebeu gente vinda do Brasil no século XIX. Namibe, chamada Mossâmedes antes da independência de Angola, na metade do

---

22 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, pp. 25; 30.

23 Raul Lody, *Moda e história: as indumentárias das mulheres de fé*, São Paulo: SENAC, 2019.

24 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 31.

25 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, pp. 33-34.

século XIX, recebeu um grupo de portugueses em fuga de Pernambuco por causa de uma revolta popular anti-lusa (Mata Marotos) contra os comerciantes lusos. Esse movimento de cá para lá, diferente daquele que foi direcionado aos atuais Nigéria e Benim, até bem pouco tempo não tinha recebido muita atenção dos historiadores, que mais recentemente passaram a escrutinar a história e a herança dos africanos escravizados que chegaram a Mossâmedes com seus senhores, vindos de Pernambuco. E, assim como os “brasileiros” em Lagos, deixaram monumentos que remetem às suas origens “brasileiras” e formaram um novo grupo social na região, os mbali.<sup>26</sup>

Assim como Lagos, Luanda, capital de Angola, se assemelha a uma cidade brasileira, algo como “uma Niterói que não tivesse defronte a vista do Rio de Janeiro”.<sup>27</sup> Mas não apenas a semelhança natural aproxima as duas cidades. Desde a descoberta de ouro nas Minas Gerais do Brasil, no início do século XVIII, o tráfico de escravizados e o interesse de negociantes estabelecidos nos dois lados do Atlântico estreitaram os vínculos entre as duas cidades.<sup>28</sup> A cidade do Rio de Janeiro ainda tem muitas quitandas, palavra do quimbundo assim como tantas outras correntes no português brasileiro. Um recente trânsito cultural tem revelado novas dimensões das relações entre as duas cidades. O funk carioca e o kuduro, criado nos Musseques de Luanda, têm semelhanças ancestrais, mas também conexões contemporâneas.<sup>29</sup>

As modernas cidades africanas têm muitas semelhanças com as brasileiras e europeias, mas também diferenças. No passeio por Luanda, as crianças brasileiras aprendem que nas cidades africanas “vive-se mais nas ruas do que em casa”. E também os mercados enormes e barulhentos não

---

26 Carlos Major; Laila Brichta; Washington Nascimento (orgs.), *Brasil, Mossâmedes e Mussungu Bitoto: trânsitos sociais e trocas culturais no sul de Angola*, Rio de Janeiro: FVG Editora, 2023.

27 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 37.

28 Roquinaldo Ferreira, “Biografia como história social: o clã Ferreira Gomes e os mundos da escravização no Atlântico Sul”, *Varia Historia*, n. 29 (2013), pp. 679-719, .

29 Ver o excelente documentário *A batalha do passinho* (2013), de Emílio Domingos. 72 minutos.

se restringem às atividades comerciais, “não é apenas um lugar onde se compra e vende, mas um local onde tudo se discute e muito se resolve”.<sup>30</sup> Quem conhece alguns bairros populares de Salvador, ou já teve a oportunidade de visitar e comprar na tradicional Feira de São Joaquim, vai se surpreender com as semelhanças da capital baiana com Luanda e outras modernas cidades africanas.

Para encerrar o comentário ao largo do texto, vale chamar a atenção para as belíssimas ilustrações de Rodrigo Rosa que o acompanham. São uma viagem à parte! Nesse sentido, e pensando no potencial do texto para o ensino, e já propondo uma reedição atenta a esse fim, um pequeno glossário e algumas notas e comentários seriam muito úteis aos leitores/estudantes e professores.

## **Esperanças no fim do passeio**

Ao fim do passeio por uma larga parte da África, além de um sem número de informações fiáveis e interessantes, o jovem leitor tem diante de si um passado africano que confere dignidade e é motivo de orgulho para os seus descendentes na diáspora. Para os que não têm antepassados africanos, fica o reconhecimento de que a África e os africanos são parte da história do Brasil, portanto, da experiência coletiva de todos os brasileiros. E Costa e Silva ensina isso apresentando os africanos do passado (e do presente) como parte de uma humanidade que carrega a marca da diversidade, da complexidade e da contradição, para o bem e para o mal.

Em suma, *Um passeio pela África* ensina que a suposta diferença intransponível entre os humanos é tão somente uma falácia. E haverá instrumento mais poderoso de combate ao racismo?

doi: 10.9771/aa.v0i70.65866

---

30 Costa e Silva, *Um passeio pela África*, p. 42.